

O POVO

ORGÃO — NEUTRAL — DOS INTERESSES MORAES E MATERIAES DA PROVINCIA.

Assignaturas

Por um mez..... 1\$000

Lei, Progresso, Liberdade.

Publicação

Uma vez por semana

Redactor e Editor—responsavel—J. M. Velasco.

O POVO

A *Situação*, noticiando o apparecimento do *Povo*, fez-nos a honra de dirigir-nos—alguns encomios que agradecemos, mas que não merecemos, e tambem algumas observações e conselhos que não podemos aceitar e a que vamos procurar responder.

Antes de mais, porém, pedimos venha ao illustrado noticiariasta para distinguir n'ellas o que nos diz respeito pessoal ou particularmente, do que se refere ao redactor do *Povo*.

Não admitimos, nem admitiremos jamais esta englobação de que, estou certo, não serve-se hoje o honrado noticiariasta, porém, mais tarde, poderiam servir-se, como de armas contra nós,—malfazijos tartuifos intimamente interessados em desvirtuar-nos o justo commettimento, fazendo-o crer não mais que instrumento de vingança pessoal,—se em tempo não repellissemos o equivoco e protestassemos contra a falsa asserção.

O redactor do *Povo*, no cumprimento de seus sagrados deveres de jornalista consciencioso e de boa fé, devesse esses por elle mesmo tracados com rude franqueza,—está decidido a sacrificar, não as suas idéas e convicções, porque entende que as deve ao povo,—mas os seus interesses e sentimentos pessoais, sempre que fôr preciso dizer a verdade (e a verdade é preciso sempre dizer ao povo, que a advinha, mas não está acostumado a ouvi-la), sempre em fim que o exija o bem de todos, em opposição á seu bem proprio.

Sente que o injusto collega assim não o tenha deprehendido do seu programma, que é sincero, e em que julga ter-se expressado de modo á evitar qualquer duvida, quando dice:

«Hontem era—em, hoje sou—todas as vezes ha no seu estylo, o que quer seja de caustividade, é por que o povo soffre, e o povo quando soffre,—quando é victima e sente a planta do algar a esmagar-lhe o peito, se falla e é digno, tem o direito de ser caustico;—não o tem se é vil e cobarde.

Christo em face de Caiphaz e Ananias foi caustico.

Se usa do ridiculo ás vezes como arma de combate, é por que esta na

natureza do pequeno opprimido o sentir um prazer infinito em pôr a nã o ridiculo do grande oppressor.

Estabelecidas estas bases, vamos responder ao que nos diz respeito como redactor do *Povo*, deixando a resposta ao que nos diz pessoalmente respeito, isto é, a narrativa minuciosa e comprovada d'esse acervo de infamias e violencias de que fomos victima, para quando se conclua o processo por crime de responsabilidade, que forcamos, não o odio, mas o dever e a honra, á intentar contra o chefe de policia, que ordenou-nos a arbitraría prisão; processo, que ainda não foi iniciado por falta de membros na Relação do Districto,—e cujo resultado, se a justiça nesta terra, como esperamos, não é uma formidavel buria, que invoca-se quando se trata de esmagar o fraco, embora clara e reconhecidamente innocente, mas que se transforma, á capricho, em vil e prestittuido masto com que se cobre e protege as faltas, ou mesmo os crimes e as torpezas dos fortes e poderosos,—dará um formal desengano á opinião professada pelo honesto mas ingenuo e crédulo noticiariasta.

—Começamos por observar q' não entendemos o que quiz o noticiariasta dizer quando nos recommendou que dessemos á Deus o que era de Deus e á Cezar o que era de Cezar.

Supponho esta phrase uma superfluidade—se é apenas um conselho,—visto que o nosso programma, com quanto pequeno—porque o tamanho do jornal não o permitia mais desenvolvido,—é bem claro e positivo á respeito; ou então uma injuria,—se exprime uma duvida, que ainda nada fizemos por merecer e que o nosso procedimento futuro com certeza jamais justificará.

Don't sabem, que a malicia politica anda abocanha e amesquinha aqui? vez o experiente noticiariasta se refere á que professando nós idéas liberaes,—vêr-nos-hemos, a pezar da nossa boa vontade, forçados a fazer do vicio do liberal—uma virtude e da virtude do conservador—um vicio.

Descanse o illustrado noticiariasta: O *Povo* não reza pela cartilha porque, relêve-nos a franqueza, rezava a *Situação*, reza o *Liberál*, e rezam todos,

os jornaes politicos da nossa patria, á não ser em epochas de dissidencia.

O *Povo* não é um jornal politico, já o dicemos e nos escusariamos de repeti-lo se não fosse a noticia da *Situação*.

Não viemos dar ao liberal o que é do liberal e ao conservador o que é do conservador.

Viemos reivindicar para o povo o que pertence ao povo,—ensinar-lhe a conhecer seus direitos—e forçar as autoridades á respeitá-los e á praticar a Lei quando, por experiencia, lhes collocamos veados para o arbitrio,—ou pelo menos protestar contra os seus excessos e violencias,—e isto faremos—hoje, amanhã e sempre, seja a autoridade liberal, ou seja conservadora, porque não queremos subter da politica do homem, mas do procedimento da autoridade.

Diz ainda o noticiariasta que transluz em o primeiro numero do nosso jornal, não dirá—despeito,—mas de algum modo uma certa má vontade para com as autoridades que tomaram conhecimento do facto ha pouco á nós imputado, e especialmente para com o individuo que occupa actualmente o cargo de chefe de Policia, dr. Milciades Augusto de Azevedo Pedra, seu amigo, que foi tão culpado n'essa causa como o noticiariasta.

Abstemos-nos de responder á esta ultima parte com receio de offender ao generoso noticiariasta á quem muito respeitamos e consideramos—quanto á primeira parte, seja-nos licito declarar-lhe que está completamente equivocado e é extremamente injusto para connosco.

O sentimento que inspiram-nos as autoridades que tomaram parte n'esse violento, calumnioso e infame processo de que fomos victima, não dizemos que se possa chamar—despeito, desprezo; mas—despeito—nunca má vontade,—sempre.

Está na nossa natureza e no nosso character o sentirmos-nos dominado pela mais franca e decidida má vontade contra os individuos que, como o dr. Pedra e o seu digno—e—se ha—o dr. Balbino Cezar de Mello, não estão em condições de occupar os cargos importantes e responsaveis que um occupou, e outro ora occupa.

Nesta Província.

Dizemos e repetimos:—esta má vontade dos sentimentos contra todas as autoridades em identicas condições ás dos dotts indivíduos supra.—porque somos—povo—e soffremos sempre que vemos o povo soffrer, e elle soffre todos os dias.

Somos e seremos sempre—apaixonados, mas não desarrasados. quando profligarmos os desmandos de taes autoridades.

Se todos que o podem fazer, procedessem como procedemos hoje e poderemos sempre, esses escândalos absolutistas, que pela impunidade em q' ficam, inutilisam completamente a Lei e fazem que o povo d'ella descreia totalmente.—não se reproduziriam quasi quotidianamente entre nós.

O silencio da imprensa, em presença do abuso, da violencia ou da prevaricação dos funcionarios publicos,—de quaesquer categorias, quer o mova a indifferença, quer a amizade, quer a cobardia, ou estas chamadas *conveniências politicas*, cremos já o ter dito—é sempre um crime e bem grave pelas suas fataes consequências.

Até aqui, pelo menos em Cuyabá, quando se dava um qualquer escândalo authoritario,—fallava-se d'elle um, dois, trez dias em casa do chefe do partido opposicionista, fallava-se nos clubs, nas casas de negocio, no recanto da familia, á mesa de jantar.—e nada mais.

A autoridade que praticára o escândalo, não fazia caso do *insistente* fallatorio, sem seguimento prejudicial possível e—continuava na mesma.

Foi para acabar de uma vez, com semelhante estado de cousas, em extremo perigoso para os fracos e desprotegidos, que fundamos—o *Povo*.—

Isto ficou bem explicado em o nosso programma.

Quanto ao que diz o noticiariista sobre o procedimento do Sr. Presidente da Província, em relação á nós, na questão á que se refere,—perdoe-nos que lhe digamos que achamos extemporaneo a defeza d's que não houve accusação.

Sobemos, por ouvir dizer ao proprio Sr. Presidente, qual a parte por elle tomada n'essa nefanda questão,—e bem sabemos que não é elle de natureza á merecer censuras, e ao menos d's que nos esculheram a tal respeito, já mais o censuramos.

Mais ainda—de faramos que nos conhecemos particularmente attrahido para S. Ex. por um sentimento de íntima sympathia e interesse, porque o sabemos nobre e cavalheiro, intelligente e illustrado, amante sincero do progresso da luz, dono das melhores opiniões respeito á Província, se bem que ainda um pouco inexperiente no cargo que pela primeira vez occupa e ainda um pouco ignorante dos honens e das cousas n'esta província.

Fazemos esta declaração com o intuito de que ella ali fique como um pedestal contra as más interpretações e falsas applicações sobre a condacta á que por ventura nos obrigou para com S. Ex. os nossos deveres de jornalistas.

Passando ao ultimo ponto da noticia.—

Em o nosso numero passado, no noticiario, a que damos o titulo de—*Elchos da Siberia*—pedimos providencia ao Presidente da Província sobre o facto, á nosso ver, abusivo e escandaloso de morar o chefe de policia com sua familia no sobrado pago pela Fazenda Nacional para nelle funcionar a Secretaria da Policia.

Diz o noticiariista que se nos dessemos ao trabalho de compulсар a nossa legislação não achervamos que n'to ha abuso em tão natural e razoavel facto.

Permitta-nos S. S. que digamos, que nos aconsellou um impróprio trabalho, para o qual não nos sentamos com forças.

Ler, compulсар toda a nossa legislação desde as Ordenanças do Reim até o ultimo *Arto* de qualquer ministerio, estudar esse chaos de Leis, de Regulamentos que derogam Leis, de Avisos que derogam Regulamentos, de Actos, Portarias e Offícios preside aces que derogam Avisos, Regulamentos e Offícios, para encontrar um paragrapho n'dez, que permitta ao individuo Pedra a residencia com sua familia, parentes e adherentes na Secretaria da Policia.—la-de concordar connosco que é ex-gr' muito.

Mais facil fóra que nos citasse logo a Lei, Regulamento, Aviso ou Acto que tal author sa.—e enquanto o não fizer, não nos levará á mal que continuemos a chamar para que cesse o escândalo.

Falla o noticiariista sobre prejuizos á Fazenda Nacional, sobre commodos sufficientes e serviço publico.

Como não comprehendemos bem o pensamento de S. S., ha-de permittir-nos que transcrevamos toda essa parte de sua noticia.—afim de melhor nos explicarmos.

Diz S. S.:—«Ha tambem uma constancia em residir o Sr. dr. Pedra na propria repartição da Policia.

«Si se der ao trabalho de compulсар a nossa legislação, terá de reconhecer que o dr. Chefe de Policia, não commette um abuso e nem dá prejuizo á Fazenda Nacional. Elle tem commodos sufficientes para isso sem prejuizo do serviço publico.»

Este—*Ellos*—em commodos &c. parece referir-se á Fazenda Nacional.—pode ser porem que S. S. se quizesse referir—á nossa legislação.—ou quem sabe?—talvez mesmo á Secretaria da Policia!

Responderemos ás trez hypotheses. Si se refere á Fazenda Nacional, estamos de perfeito accordo.

—*Ellos* tem commodos sufficientes para o mais sedento parasita possível.—que se apresente bem apud n'hado e bem provido de certas malefaves qualidades,—e isto sem prejuizo do serviço publico, que vai ás mil maravilhas.

Si se refere á nossa legislação,—ainda estamos de bom accordo.

Elle offerece commodos magnificos para todo o funcionario publico que dispendo de *bons amigos* tenha o desculpavel capricho de antepôr a sua razão á razão universal de impôr o seu—veto—á qualquer decreto que os incommode.

Esses espinhos com que a Lei margêa a estrada do abuso, são espinhos do bastidor de comedia.—espinhos para—inglez ver—e os *perspicazes* como o dr. Pedra, e abhecem isso perfeitamente e—passam alem, sem vãos receios, sem e-crapulos.

Si se refere á Repartição da Policia, perdoar-nos-ha se discordamos da sua opinião.

É hexato que o pequeno sobrado da Policia, tenha commodos sufficientes para a Secretaria e para o dr. Pedra, sua mulher, sua sobrinha e seus paraguayos e paraguayas.

Que a falta de commodos parem, não é tan obstaculo á que S. S., que, apesar dos seus palacios em Assumpção, e de alguma herança talvez desenterrada de qualquer d'elles,—passa por pobre,—continue fazer suas economias sobre os c'fres publicos (o que tem um saintesinho tentador para certas paladares),—estando de accordo.

Ainda quando deparassem a Secretaria da Policia para o retrêto... que tinha isso de máo?

Quem busca empregos publicos subalternos para viver,—aqui ou ali deve e ha-de trabalhar e se assim não quiz v.—rui:—não falta quem queira. Se o thesouro Nacional manda pagar sobrados para Secretarias, é com segundas tentoes—elle ed os empregados, mas *perde* o chefe.

E o chefe comprehende o Thesouro: E o empregado comprehende o chefe.—*Pluribus civis!*

Em t'do o caso bem vê o illustrado noticiariista que concluiu s por concordar inteiramente com a sua authorizada opinião.

Este nosso mechanismo social está tão enervado, tão podre e corrupto, que para concerta-lo tem mister arriscar-se á deitar e casa abaixo e á ser esmagado pelos seus destruyos.

Sobre o que nos diz S. S. do character honesto e procedimento moderado do dr. Pedra,—appellamos para opinião publica.

E o que temos á responder ao illustrado noticiariista, a quem ainda uma vez pedimos que nos releve quizesquer imperfeições de estylo que possam mal soar-lhe.

A prova de que o respeitamos e acatamos muito—é que fazemos da resposta á S. S. o nosso editorial.

J. M. Velasco.

Elchos da Siberia

O Redactor do Povo—pode desculpar aos seus assignantes pela demora, bem que motivada, ha-vida na publicação d'este numero. Não se reproduzirá.

Aproveita o ensejo para agradecer a attenção que teve o seu periodico.

Não tem a vaidade porem, de suppôr que seja devida aos merecimentos de sua penna,—que nenhuns tem.

Vê n'ella o mais franco e solemne protesto de adhesão ás suas idéas e ao seu programma,—uma prova evidente e decisiva de

que—o povo á que se dirige e cujos direitos e prerogativas proclama e defende, não é estúpido e viciado, covarde e servil, como creem os monopolisadores d'esta pretensa colonia:—o que alegrá-lhe a consciencia de humem livre, e exalta-lhe o orgulho de ser filho d'esta—embóra—misera victima,—sua provincia natal.

Vê tambem uma demonstração de plena confiança no seu character e exulta infinito ao saber-se comprehendido e, seja-lhe licito dizê-lo, apreciado em seu justo valor.

Dá os parabens á Provincia e á si proprio—e ainda uma vez protesta caminhar recto ao seu alvo—muito embóra as urzes e mais empêchilhos do caminho.

No dia 31 de Dezembro proximo findo, falleceu n'esta capital o Coronel do 20.º Batalho de Infantaria João Gervasio de Souza Perné, com 41 annos completos de bons serviços.

Transferido no anno p.p. do Commando do 21.º Batalhão para o do 20.º estacionado em Goyaz, quando já o pessimo estado de sua saúde não lhe permittia affrontar as fadigas e perigos de uma marcha de 150 legoas através de inhospitos sertões, se i isso não obstante pretexto para que contra elle desenvolvesse o commando interino das Armas d'esta Provincia um cruel systema de vexames,—verdadeira perseguição—que tornou bem amargurados os seus ultimos dias de existencia.

E' sabido que 3 ou 4 dias antes de sua morte, recebeu o Coronel Perné ordem de partir á reunir-se ao seu Batalhão.

O resultado d'este barbaro despropósito foi uma commoção fortissima que levou o Coronel Perné—não para Goyaz,—mas para o Cemitério da Piedade.

Desde que recebeu a ordem fatal até expirar o Coronel Perné—em delirio—pedia anímaes para partir, porque era mister obedecer ao Commando das Armas!

Ha ainda um facto, que o Coronel Perné morreu ignorando tal vez, e é, que—dous ou tres dias antes d'essa intimação de marcha, o Brigadeiro Commandante interino das Armas dizia ao Presidente da Provincia esta estupenda phrase:—«Se V. Ex.ª quer, eu mando

pôr o Perné em conselho de guerra.»

—r. Costa Pereira, se a morte do Coronel Perné não affectou em nada a sua con-ciencia, é porque v. s. a tem bem pacata!

Paz e descanso ao finado,

A Assembléa Legislativa Provincial encerrou as suas sessões no dia 31 de Dezembro ultimo.

Nada diremos por agóra, sobre os seus trabalhos, porque deseja-mos tratar devidamente d'esto assumpto e fallece-nos espaço n'este numero.

Pedimos venia, entretanto, para, sem offensa á ninguém, emitir sobre a Assembléa Legislativa em Matto-Grosso, a opinião, fructo de que havemos observado até o presente,—de que é ella uma verdadeira superfluidade, uma perfeita sinecura, que se deve quanto antes ir tar de abolir—por onerosa aos cofres publicos, já tão sugados.

Pois que:—

On a Assembléa pertence ao credo politico do Presidente da Provincia e vota sem discutir a lei que a alta razão do mesmo entendeo mais conveniente ao bem publico, seja ella prohibindo que se rabisque as paredes das cazas, seja despejando o erario provincial na algibeira de qualquer fazedor de eleições;—ou a Assembléa não pertence ao credo politico do Presidente e vê voltarem ao seu gremio sem sancção as leis por ella votadas,—concedendo-se-lhe, quando muito, no camêço da legislatura,—por conveniencias de uma inutil e ficticia harmonia, que ao menor pretexto se romperá, algumas ninharias sem alcance ou interesse algum para a Provincia.

Em ambos casos, é essa corporação annullada, se não—desmoralisada, ou antes digamos a verdade,—é sempre—annullada e desmoralisada.

Acabo-o pois com ella!

Dê-se aos Presidentes—carta branca, como se diz,—ou nem é mister dar-se-lha porque elles a tomarão por si,—e deixem-n'os benedicir-nos como o quando bem lhes pare a,—que será sempre—o m. lhor.

Além de o verme economia, ha-

verá mais unidade de pensamento e de acção (não obstante as occasiões em que elles pensam de um modo e obrem de outro), com o que muito lucrará o systema de centralisação vital, ha o do nosso systema politico,—e muito lucraremos nós.

Hão de ver como todos lucraram.

Abaixo a Assembléa!

El tanto é certo ser a Assembléa apenas uma sinecura,—que a Thesouraria Provincial, que não pactua com ellas, está firme em que não p. gará nos seus membros—nem subsidio pelas sessões preparatorias, porque o Acto a dditional diz—diarias—e as ultimas sessões preparatorias, se não foram nocturnas, a culpa não é d'aquella repartição, mas da Assembléa;—nem subsidio pelas sessões ordinarias, porque não ha—verba,—e ainda quando houvesse—verba, não ha dinheiro e, ainda quando houvesse dinheiro,—é preciso que elle esteja nos cofres, porque é preciso que haja economias e que ellas appareçam.

E' muito justo.

Que vieram aqui fazer esses roceiros, que somente para terem a vaidade de dizer—no presente—«Sou deputado opposicionista», ou no futuro,

«Eu fui um das Macaueans!—» deixaram a mercê do bom Deus as suas roças, os seus canaviaes, as suas moendas, o seu gado e os seus mosquitos?

Que foram fazer no armazem velho, como lhe chamam, os seus negociantes que lá não haviam depositado reexportado algum,—e esses padres que lá não tinham quem cath. chisar nem quem absolver de alguma pouca vergonha?

E' muito justo o que lhes succede.

Ainda se tivessem tido a cautella de virar a casaca, antes ou logo depois de ouvirem o relatorio, dizem—de receberam o espirito santo e o seu verbo.....

Mas não:—foram á missa de—conservadora casaca; ac. lheram o escutaram o Presidente—de—casaca conservadora; f. lheram e ouviram fallar, discutiram e votaram, votaram sem discutir—e despejaram a casa, prometendo vol-

Typ. do **Povo** á rua do Barão
de Melgaco casa n. 28.